# Os recentes protestos populares no Brasil: Cobertura jornalística, manipulação ideológica e dominação[1]

Patrícia Rakel de Castro Sena[2]
Heitor Costa Lima da Rocha[3]
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.

## Resumo

Esse trabalho aborda a questão de como o sentido estabele e mantém relações de dominação nas estruturas sociais, através de modos operacionais da ideologia e como esse conceito pode se relacionar com o discurso jornalístico. Assim, a partir de Karl Marx e de seus conceitos chaves como materialismo histórico, divisão do trabalho e alienação, busca-se entender a ideologia como consequência dessa divisão de trabalho e instrumento de dominação de classe. Apropriando-se dessa perspectiva negativa, J. B. Thompson vai cunhar a concepção crítica e imprimir um modelo de operação ideológico, baseado em estratégias de construção simbólicas. Com metodologia qualitativa, usou-se o modelo de Thompson para analisar o discurso jornalístico do programa *Brasil Urgente/Band*, identificando manipulação ideológica durante a cobertura feita das manifestções populares em junho de 2013 no Brasil.

## Palavras-chave

Jornalismo; Ideologia; Protestos.

## Introdução

Este artigo apresenta algumas considerações sobre as relações de dominação, articulados pela ideologia, tendo como pano de fundo para análise as manifestações populares ocorridas no mês de junho de 2013, no Brasil, noticiadas em uma edição do programa Brasil Urgente da Rede Bandeirantes. Inicialmente os protestos foram ocasionados pela insatisfação popular diante dos aumentos dos valores das passagens dos ônibus, trens e metrôs. Mas depois, com o slogan "não é só pelos 0,20 centavos", o

[1] Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares, GP Políticas e Estratégias de Comunicação, no XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: patriciscastro@hotmail.com

[3] Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) / Departamento de Comunicação Social. E-mail: hclrocha@gmail.com

povo continuou indo às ruas, pedindo mais investimentos na educação, na saúde, reforma política, mobilidade urbana etc.

Então, trabalhou-se o conceito de ideologia, nos moldes marxista, categoricamente exemplificados aqui pelos autores Karl Marx, Friedrich Engels e John B. Thompson para então analisar um discurso jornalítico feito à época das manifestações.

Metodologicamente, trabalhamos com uma análise qualitativa em um estudo de caso, que tem por base conhecimentos teórico-empíricos que permitam compreender o fenômeno da ideologia e a sua relação com a cobertura jornalística feita pelo programa televisivo Brasil Urgente, durante os protestos populares em junho deste ano, no Brasil. Na análise dessa cobertura, levamos em consideração o modelo de operação ideológico concebido por J. B. Thompson.

## Ideologia: a consistente contribuição de Marx e Engels

A ideia de que os homens constroem sua história, mas não em condições ideais e sim nas condições materiais concretas que lhe estão colocadas pela realidade objetiva, constitui-se, para Marx e Engels (2004), como uma ordem primordial para toda a existência humana. Assim eles analisam quatro momentos que intervêm no desenvolvimento histórico e que acompanham a humanidade desde o inicio da história, portanto.

O fato inicial que é, em suma, uma base real e concreta, funda-se na produção dos meios que possibilitem satisfazer as primeiras necessidades humanas (comer, beber, morar, vestir-se...). É, em outras palavras, "a produção da própria vida material". (MARX; ENGELS, 2004, p.53). A ação de saciar tais necessidades e o que já foi adquirido com essa satisfação ocasiona o surgimento de novas necessidades (isso se afirma como o primeiro ato e o segundo fato histórico) que, por conseguinte, cria condições para o desenvolvimento da primeira relação social: a família. O quarto fato histórico aparece com o aumento da população, processo no qual ocorre a geração de novas relações, agora mais complexas e em conexão com a história das trocas.

Entretanto, essa perspectiva do materialismo histórico inexiste para os pensadores alemães Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer e Max Stiner, a quem Marx e

Engels dirigem uma critica sobre a forma de pensar a ideologia desvinculada da realidade social, concreta e, nesse sentido, inútil. Materialismo porque o homem é o que as condições materiais, as relações sociais de produção, o determinam a ser e a pensar. E histórico porque a sociedade e a política não surgem de decretos divinos, mas dependem da ação concreta desses seres humanos em cada época.

Só depois de analisar os aspectos que evidenciam as relações históricas originárias, é que se parte para considerar a consciência humana, real e concreta, que é tão antiga, quanto a linguagem. (MARX; ENGELS, 2004). Esta, assim como aquela, segundo os autores de *A Ideologia Alemã*, só aprece com as necessidades dos relacionamentos humanos, de intercâmbio entre eles.

No entanto, a consciência de se relacionar apenas com os outros indivíduos assinala a percepção de que o ser humano vive em sociedade e tal consciência grupal desenvolvida – através do aumento da produtividade, das necessidades e da população – acaba desencadeando o "embrião" da divisão do trabalho, que só se confirma como tal com o surgimento da dicotomia entre trabalho material e trabalho intelectual, encerrando a propriedade privada, sob a qual sua primeira forma aparece na e com a família, em que a mulher e o filho são escravos do homem. É assim que a escravidão se funda, em sua manifestação inicial e primitiva.

A divisão entre as duas modalidades de trabalho, a produção de mercadorias e de ideias, leva a crer que a atividade material é uma tarefa que não exige conhecimentos, mas apenas habilidades manuais, enquanto que a atividade intelectual é responsável exclusiva por aqueles.

Seguindo esta linda de pensamento, os filósofos alemães, ora criticados por Marx e Engels, ignoravam que suas ideias estavam ligadas às opiniões e pontos de vistas da classe social a que pertenciam, isto é, da classe dominante. E Karl Marx e Friedrich Engels (2004, p. 78), vão além explicando que "os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é poder material dominante, numa determinada sociedade, é também o poder espiritual dominantes". Os ideólogos alemães esqueceram depois que foi o próprio trabalho deles que criou suas ideias. Logo, segundo ainda Marx e Engels, acreditaram que tais ideias existissem por si mesmas, que elas criaram uma realidade e a

dominaram, que as ideias se tornaram separadas de seus autores, externas e transcendentes a eles.

Uma implicação da divisão do trabalho, para Marx e Engels (2004), é a afirmação de uma sociedade natural, de um jeito já estabelecido. Estes autores a caracteriza pelo aspecto de fixar o homem a uma atividade única, a qual não é dividida, tampouco escolhida voluntariamente, e sim naturalmente.

Então os trabalhadores, como classe social e vítimas dessa "eterna" fixação[4], são obrigados a venderem sua força de trabalho aos proprietários do capital (donos de terras, das indústrias, do comércio, das escolas, dos hospitais etc.). Como mercadorias, os trabalhadores, aqui identificados como a classe operária, recebem um preço, seus salários, porém não percebem que foram reduzidos a coisas que produzem coisas.

Assim, Marx e Engels (2004), em relação a coisificação do trabalho humano em mercadoria, explicam que uma vez produzidas tais mercadorias, estas deixam seus locais de produção, entrando em seus postos de venda e parecendo ali estar porque lá foram colocadas. As pessoas não conseguem perceber o esforço humano que há por trás daquelas mercadorias; e como os trabalhadores, elas também recebem um preço, ou seja, tais mercadorias não permitem que o trabalhador se reconheça nelas. A essas circunstâncias – em que o seu próprio trabalho se transforma numa força estranha que ao homem se opõe e o subjuga, em vez de ser por ele dominada – Marx vai chamar de alienação social do trabalhado.

A solução para esta alienação, mostram Karl Marx e Friedrich Engels (2004, p. 61 e 62), é uma mudança estrutural no estado das coisas. Ela só pode ser superada sob duas condições: inicialmente é preciso que se desenvolva uma massa desprovida de tudo, em contraste com um mundo de riquezas e cultura em progresso, para que seja possível fazer a revolução contra tal poder. Entretanto, a miséria, estabelecida através do aumento das forças produtivas, se torna cada vez mais determinante e necessária, visto que é por meio desse crescimento universal que se torna real a possibilidade de se estabelecer um intercâmbio universal entre os homens e, só então, produzir-se-ão um

[4] A partir do instante em que o trabalho começa a ser dividido, cada um tem uma esfera de atividade exclusiva e determinada, que lhe é imposta e da qual ele não pode sair. O homem é caçador, pescador pastor ou crítico, e aí permanecerá caso não queira perder seus meios de sobrevivência. (MARX; ENGELS, 2004, p. 59).

maior contingente de massas "destituídas de propriedade", simultaneamente em todos os povos, tornando-os dependentes das revoluções dos demais.

Marx e Engels (2004) analisam essa espécie de intercâmbio entre os homens, condicionada pelas forças produtivas presentes em (e condicionantes de) todas as fases da história, se revestindo como sociedade civil, a qual dá conta de todas as trocas materiais dos indivíduos e é, portanto, mais ampla que a ideia de Estado e nação. É nesta sociedade civil que a família se apresenta como primeira (mas não única) fonte de relações reais e concretas que construíram a história. Daí o caráter universal do proletariado e sua relação com o comunismo:

> O proletariado só pode existir *universal e historicamente*, do mesmo modo que o comunismo, que é a sua ação, só pode ter existência "histórico-universal". Quer dizer, existência histórico-universal dos indivíduos, ou seja, existência de indivíduos diretamente vinculada à história mundial. (MARX; ENGELS, 2004, p. 63).

Para justificar como esse processo de universalização do proletariado acontece, os autores afirmam que a massa de trabalhadores (massa de força de trabalho carente de capital) pressupõe um mercado mundial e, consequentemente, a perda de seu trabalho como meio de sobrevivência. Só assim tem-se a primeira condição de superação dessa alienação do trabalho, causado também pela divisão do trabalho.

Como consequência, ainda, da divisão social do trabalho, encontra-se a contradição entre os interesses individuais e coletivos; fato que leva o coletivo a tomar, na qualidade de Estado, os seus interesses como uma forma independente e particular, separada das verdadeiras necessidades de um grupo. No entanto, o Estado, para poder "existir", precisa aparecer como expressão do interesse geral e não como senhorio particular de alguns poderosos detentores de capital material e simbólico. O povo poderia se revoltar contra um poder público tomado como particular visível, porém nunca o faria se se tratasse de um poder invisível, impessoal como o do Estado, uma vez que se naturalizou julgar o Estado como instância a serviço do bem comum. Dessa forma as pessoas tendem a aceitar a dominação porque não a percebem como tal.

Então os pensamentos dominantes se tornam cada vez mais abstratos, isto é, assumem cada vez mais a forma de universalidade, pois, segundo Marx e Engels (2004), cada nova classe social que toma o poder daquela que dominava antes dela é

obrigada, mesmo que seja para atingir apenas seus fins, a representar o seu interesse particular como sendo o interesse coletivo. Assim cada nova classe consegue apenas estabelecer seu domínio sobre uma base mais ampla do que a outra, mas a contradição entre elas só tende a se agravar. Portanto, todas as lutas no âmbito estatal servem apenas como pano de fundo para serem travadas as lutas entre as classes que se realizam enquanto sociedade civil.

Compreendendo todo esse processo, vê-se o surgimento da **ideologia** como resultado, também, da divisão social do trabalho e instrumento de dominação de classe, visto que ela necessita do processo de alienação, da inversão de causa e efeito (tomando as ideias por causas ao invés de efeitos), do silêncio, para manifestar os interesses da classe dominante sob o véu de um interesse geral.

## Thompson e a maturação do conceito crítico de ideologia

A noção materialista histórica de que a dialética idealista não conseguia estabelecer uma relação plausível e razoável entre suas ideias e as condições sócio-históricas da época, tampouco dar a suas pesquisas uma denotação prática, foi corroborada por John B. Thompson que reelaborou o pensamento de Karl Marx, para explicar, nos termos mais complexos que a sociedade atual e seu contexto exige, o conceito de ideologia.

Para Thompson (1995, p. 51), o termo ideologia, usado por Marx e Engels, foi dado como uma "concepção polêmica: ideologia nesse sentido é uma doutrina teórica e uma atividade que olha erroneamente as ideias como autônomas e eficazes e que não consegue compreender as condições reais e as características da vida sócio-histórica".

A concepção polêmica do termo ideologia trabalhada por Thompson (1995) está relacionada a algumas condições de possibilidades concernentes à determinação social da consciência (as formas de consciência dos seres humanos são determinadas pelas condições materiais de sua vida), à divisão do trabalho (trabalho material versus trabalho mental, a qual impede que as pessoas percebam que trabalham sob a ilusão da autonomia) e ao estudo científico do mundo sócio-histórico (as doutrinas e as atividades teóricas que constituem a ideologia podem ser explicadas e até substituídas por uma

ciência que mostre serem elas o produto das circunstâncias particulares, sociais e históricas).

O conceito de ideologia foi tratado inicialmente por Marx e Engels como instrumento para fazer a crítica aos jovens hegelianos, mas a formação e ampliação desse conceito atingiu um patamar mais geral quando da tentativa de Marx e Engels de caracterizar a estrutura social e a mudança histórica.

A essa nova compreensão da ideologia, Thompson (1995) vai denominar de concepção epifenomênica:

> A ideologia é dependente e derivada das condições econômicas e das relações de classe. Ideologia, de acordo com a concepção epifenomênica, é um sistema de ideias, que expressa os interesses da classe dominante, mas que representa relações de classe de uma forma ilusória (...), pois que estas ideias não representam acuradamente a natureza e as posições relativas das classes interessadas; ao contrário, elas representam mal essas relações, de uma maneira tal que favorecem aos interesses da classe dominante. (THOMPSON, 1995, p. 54).

Aqui Thompson analisa Marx assumindo que as condições econômicas de produção são primariamente determinantes para os processos sócio-históricos de mudança, por isso tais condições se tornam peças-chave para entender as transformações sócio-históricas particulares. Além disso, Thompson (1995) julga que as formas ideológicas de consciência devem ser explicadas segundo os contextos econômicos de produção. Dessa forma, a caracterização de uma forma de consciência enquanto ideologia sugere que ela pode ser explicada como ilusória, uma expressão dos interesses dominantes.

Da percepção epifenomênica, os estudos de Marx evoluem para o que Thompson (1995) chama de "concepção latente de ideologia", em que ideologia se apresenta como um sistema de representações que enganam, escondem e, que, ao fazer isso, servem para manter as relações de poder, de dominação, do status quo.

Assim, um sentido negativo foi dado ao conceito de ideologia, tratado em grande parte dos escritos de Marx. Expandindo esse conceito negativo, John B. Thompson vem cunhar uma nova compreensão sobre o termo, a concepção crítica. Criticamente, então, a noção de ideologia está intimamente ligada com as relações de poder. Segundo

Thompson (1995, p. 76), "ela está interessada nas maneiras como o sentido é mobilizado no mundo social e serve, por isso, para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder". Dessa forma, o autor define e detalha o novo enfoque:

> Estudar ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar as relações de dominação. Fenômenos ideológicos são fenômenos simbólicos significativos desde que eles sirvam, em circunstâncias sócio-históricas específicas, para estabelecer e sustentar as relações de dominação. *Desde que*: é crucial acentuar que fenômenos simbólicos, não são ideológicos como tais, mas são ideológicos somente enquanto servem, em circunstâncias particulares, para manter relações de dominação. (THOMPSON, 1995, p. 76).

Ao formular esse entendimento do termo ideologia, o autor chama a atenção para o fato de só se poder analisar a ideologia situando os fenômenos simbólicos nos contextos sócio-históricos concretos, dentro dos quais esses fenômenos podem ou não instituir e alimentar relações de dominação.

O juízo crítico de ideologia de Thompson difere principalmente dos aspectos de dominação discutidos em Marx. As relações de dominação mantidas através do sentido, vão, para o primeiro autor, além das dominações existentes entre as classes. Enquanto que para Marx "são as relações de dominação e subordinação de classe que constituem os eixos principais da desigualdade e exploração nas sociedades humanas em geral e nas capitalistas em particular", Thompson amplia esta concepção conferindo a devida importância às relações de dominação entre grupos étnicos, entre indivíduos e Estado, de gêneros / sexos, entre estado-nação e blocos de estado-nação etc (THOMPSON, 1995, p. 77). Por fim, Thompson (1995, p. 79) também difere de Marx quando da abordagem de formas simbólicas[5], as quais não são simplesmente representações que servem para articular ou esconder as relações sociais ou interesses. Elas estão, contínua e criativamente, implicadas na formação dessas relações sociais. Então se propõe conceitualizar "ideologia em termos das maneiras como o sentido, mobilizados pelas formas simbólicas, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação".

[5] "Formas simbólicas" assume neste contexto a ideia de um "amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecido por eles e outros como constructos significativos". (THOMPSON, 1995, p. 79).

Outro autor que se insere na tradição marxista com uma concepção mais abrangente de ideologia é Teun Van Dijk (2012, p. 47), para quem o fenômeno se apresenta como a "consciência de um grupo ou classe, explicitamente elaborada ou não em um sistema ideológico, que subjaz às práticas socioeconômicas, políticas e culturais dos membros do grupo", de forma tal que seus interesses se materializem.

**Como o sentido pode servir para estabelecer e sustentar relações de dominação: um exemplo no jornalismo**

A análise da interação entre sentido e poder nas circunstâncias concretas da produção jornalística, mais especificamente da produção jornalística do programa Brasil Urgente, pode oferecer uma possibilidade de se pensar os modos operacionais da ideologia, em condições específicas, com estratégias de construção simbólica.

Dessa forma, recorre-se ao modelo de Thompson (1995) para analisar o discurso e atitude do apresentador do programa de televisão Brasil Urgente, da Rede Bandeirantes / Band, no dia 13 de junho de 2013, José Luiz Datena.

Datena costuma ser um entusiasta das ações truculentas da polícia. Porém, no programa Brasil Urgente, após mostrar cenas dramáticas de confrontos em São Paulo (durante o período das manifestações populares acontecidas no Brasil inteiro, ocasionada inicialmente pelo aumento de passagens de ônibus em várias capitais do país e desmembrada depois em outras reivindicações), ele exibiu uma enquete: "Você é a favor deste tipo de protesto?". O "sim" disparou na frente. De imediato, ele pediu a sua equipe para alterar a pergunta: "Você é a favor de protesto com baderna?". Para seu desespero, o "sim" continuou na frente (2.179 votos a favor, 915 contra) em apoio à manifestação dos protestos.

Diante do resultado apontado pela pesquisa, Datena gaguejou e passou a defender os jovens agredidos pela PM. Segundo o Portal Voz do Povo, a enquete fez com que o apresentador mudasse de idéia ao vivo. Datena, que vinha apresentando um discurso defendendo as ações da Polícia Militar do Estado de São Paulo, passou a pregar a paz entre autoridades e manifestantes. "Fazia muito tempo que não via uma manifestação democrática e pacífica assim. É o povo. O povo está descontente. Eu falei

que ninguém queria aumento. Entre bandido e polícia, prefiro a polícia. Entre povo e polícia, prefiro o povo", disse o apresentador.

O discurso dele, no momento de proposição das pesquisas[6], pode ser visto no QUADRO 1:

QUADRO 1: Texto do apresentador Luiz Datena, durante os protestos.

| |
|---|
| Então é baderna eu sou contra, velho. Me inclua fora dessa. Me inclua fora dessa, desse negócio de baderna. Entendeu? Eu acho que o protesto tem de ser pacífico, não pode ter depredação, não pode impedir via pública. E jogam esses caras contra a população, porque tem muita gente que está revoltada contra essas pessoas que estão fazendo esse tipo de protesto. Um protesto violento. Então vou fazer uma pesquisa em cima disso. Deixe eu ver a pergunta. "Você é a favor deste tipo de protesto"? Que inclua depredação pública? O pessoal mandando nas vias públicas? Eu não estou falando sobre o aumento da passagem que eu também sou contra, mas o tipo de protesto que tem acontecido com quebra-pau. Até agora a maioria, eu não sei se os caras entenderam bem, mas a maioria está achando que esse protesto de quebrar tudo e tal é legal. Quer dizer. A opinião do público prevalece. Eu não quero aqui... Eu dou minha opinião, eu não sou a favor de quebra-quebra, porque acho que é vandalismo. Acho que é vandalismo. Esse tipo de protesto com baderna eu sou contra. Eu votaria no NÃO. Eu votaria no NÃO, porque eu não sou a favor, desse tipo de protesto. "Você é a favor desse tipo de protesto"? Não, 1233 pessoas estão dizendo NÃO. Mas quase, quase 1700 pessoas que não agüentam mais e estão dizendo sim. A voz do povo é a voz de Deus. Tá pau a pau, mas tem muito mais gente dizendo que sim, do que não. Se bem que... Tá pareado. Será que nós formulamos bem a pergunta? "Você é a favor de protesto com baderna"? Eu acho que essa seria a pergunta. 2839 pessoas disseram que são a favor desse tipo de protesto. O cara que liga (*a TV naquele momento*) ta vendo tudo ali calmo, tranqüilo, pode até achar que a pergunta é essa (*"Você é a favor desse tipo de protesto"?*). Façam a pergunta (*pede a produção dele*) da forma que eu pedi para formular. Repito. Sou a favor de manifestação pacífica, sou contra o aumento de ingresso, sou a favor de melhoria no transporte coletivo, não teria aumentado as passagens de ônibus, metrô e trem. Não teria aumentado. Não teria aumentado mesmo. Mas... Façam a pergunta do jeito que eu pedi, por favor. "Você é a favor de protesto com baderna"?, porque aí fica claro. Se não, o cara não entende. Cadê a outra pesquisa que eu pedi para fazer? Para eu ver se as pessoas entenderam ou não e se é isso mesmo. "Você é a favor de protesto com baderna"? A gente está só começando a pesquisa, para vê se o povo não tinha entendido da outra vez. Já deu para sentir. O povo está tão "P" da vida com o aumento de passagem, não interessa se é de ônibus, se é de trem, ou se é de metrô; o povo ta tão "P" da vida, que apóia qualquer tipo de protesto, pelo que eu vi. Fiz duas pesquisas, achei que uma palavra poderia simplesmente não estar sendo bem entendida. A palavra protesto. Poderia englobar um protesto com baderna ou sem baderna, mas as duas pesquisas deram praticamente a mesma proporção, o mesmo resultado. As pessoas estão apoiando o protesto, porque não querem o aumento de passagem. Então pode tirar. |

Fonte: You Tube, 2013.

Uma vez apresentado o discurso jornalístico ora analisado, parte-se para o estabelecimento de sua relação com o modelo sugerido por Thompson.

Em primeiro lugar o autor mostra cinco principais modos de operação da ideologia, que se articulam com algumas estratégias típicas de construção simbólica: Legitimação (racionalização, universalização, narrativização), Dissimulação (deslocamento, eufemização, tropo – sinédoque, metonímia, metáfora), Unificação (estandardização, simbolização da unidade), Fragmentação (diferenciação, expurgo do outro), Reificação (naturalização, eternalização, normalização / passivização). Ele explica que esses modos não necessariamente são os únicos e tampouco atuam

[6] O vídeo do programa pode ser visualizado neste link: http://www.youtube.com/watch?v=Dj8hq6-5zPI.

independentes. Na verdade, conforme Thompson (1995, p. 81), "podem sobrepor-se e reforçar-se mutuamente".

Em relação ao primeiro modo de operação da ideologia, a "Legitimação", Thompson (1995) vai buscar em Max Weber (1978) a idéia de que relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem representadas como legítimas, isto é, como justas e dignas de apoio. Segundo Thompson (1995) diz que a estratégia simbólica *racionalização* se dá por meio de uma construção de raciocínio que procura defender ou justiçar um conjunto de relações ou instituições sociais e, com isso, persuadir uma audiência de que é digno de apoio (como quando Datena argumenta inicialmente que é contra aquele protesto porque aquilo é uma baderna, e ele era contra a bardena: "Então é baderna, eu sou contra, velho. Me inclua fora dessa. Me inclua fora dessa, desse negócio de baderna. Entendeu? Eu acho que o protesto têm de ser pacífico, não pode ter depredação, não pode impedir via pública..."). Outra estratégia é a *universalização*, em que acordos institucionais que servem de interesse a alguns indivíduos são apresentados como servindo ao interesse de todos (quando o apresentador Datena fala que "têm muita gente que está revoltada contra essas pessoas que estão fazendo esse tipo de protesto. Um protesto violento", ele está evidenciando uma opinião particular dele e de um grupo de direita que nunca levantaram a bandeira das manifestações populares e tentam mostrar que esse discurso do grupo particular dele é a opinião de muita gente. Na verdade isso se mostra ao contrário, quando na enquete a população vota a favor daquela manifestação). Já a terceira estratégia para a legitimação, a *narrativização*, conta histórias do passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável (no momento que Datena afirma que a voz do povo é a voz de Deus, ele implicitamente retoma um ditado popular para narrar a ideia que – ainda que errado e infelizmente, é o povo que decide; entretanto, ele usa esse entendimento de que o povo é que decide para se safar da idéia pré-concebida erroneamente e divulgada ao vivo por ele de que muita gente era contra a manifestação).

Ao partir para o segundo modo de operação de ideologia, Thompson (1995), aponta a dissimulação, como sinônimo de ocultamento, negação ou obscurecimento da sustentação e instituição das relações de dominação. Para o autor, a ideologia como dissimulação pode ser expressa através de três principais estratégias simbólicas:

*deslocamento*, como sendo o uso de termos empregados originalmente com um sentido dado a outros termos em outros contextos, o uso de conotações positivas ou negativas são transplantados junto (a expressão "pau a pau" é usada pelo apresentador rotineiramente em seu programa para demonstrar episódios de violência; aqui ele transplanta esse termo para dizer que a votação da enquete está equilibrada (os votos a favor e contra a manifestação), quando não estava, deixando dissimuladamente a ideia de "pau" como disputa violenta, ilegítima); *eufemização* como uma descrição ou redescrição de ações, instituições ou relações sociais de forma a despertar uma valoração positiva (quando Datena, por exemplo, fala insistemente que é contra àquela manifestação de quebra-quebra, porque aquilo é vandalismo, ele está ocultando sua opinião de que a supressão, até mesmo violenta, do protesto reestabeleceria a ordem. E foi assim que a imprensa brasileira de um modo geral agiu em seus discursos: com medo de vândalos, em nome da ordem, da segurança da população, os policiais tiveram de reagir com bombas de efeitos moral, com balas de borracha etc; assim a ação violenta da força policial foi legitimada); e *tropo* entendido como o uso figurativo da linguagem, como por exemplo a metáfora que envolve a relação da aplicação de um termo ou frase a um objeto ou ação, a qual ele não poderia ser aplicado literalmente (a letra "P" da frase articulada pelo apresentador "O povo está tão "P" da vida", tem um sentido original derivado da palavra "puto/a", empregada no sentido conotativo de raiva).

Um terceiro modo operacional diz respeito à Unificação, em que relações de dominação, segundo Thompson (1995), podem ser estabelecidas e sustentadas através da construção no nível simbólico, de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva. A ideia de que o povo não estava entendo a pergunta inicial feita no programa Brasil Urgente, pode ser concebida como uma forma de interligar todos os telespectadores e os fazerem a votar no Não, contra os protestos, portanto. Esse modo pode se dar através de duas principais estratégias simbólicas: *Estandardização/padronização* (referenciais padrões como uma linguagem nacional) e *Simbolização da unidade* (construções de símbolos e identificações coletivas, como a bandeira nacional, o hino etc.).

O quarto modo, através do qual a ideologia pode operar, é a fragmentação. Conforme Thompson (1995, p. 87), relações de dominação podem ser mantidas não

apenas unificando o povo numa identidade coletiva, "mas segmentando aqueles indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar em um desafio real aos grupos dominantes. Aqui Datena expurga os manifestantes chamando-os de vândalos, pressupondo que eles são maus, perigosos à via pública, ao patrimônio público, deslegitimando o protesto que se tornou uma ameaça real de mudança (o povo continuou indo às ruas, para pedir não só a redução das passagens, mas mais investimento na educação, reforma política etc.). *Diferenciação* (ênfase dada às distinções das pessoas, apoiando as características que os separam) e o *Expurgo do outro* (construção de um inimigo) são os exemplos categóricos do autor como estratégias simbólicas.

O quinto e último modo trabalhado por John B. Thompson (1995) é a reificação, retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal. Assim elimina-se o caráter sócio-histórico. Vale ressaltar que em nenhum momento da cobertura jornalística feita pelo programa tenta narrar os acontecimentos de maneira não naturalizada. Os "vândalos", os manifestantes já estavam ali quebrando tudo, sem nenhuma motivação ou causa mais detalhada aparentemente, como as condições precárias de mobilidade urbana e do transporte público. Naturalmente os protestos se transformaram em vandalismo (não se abordou, por exemplo, que inicialmente não houve negociação, os governos só se manifestaram depois que as manifestações tomaram proporções gigantescas e espalhadas por todo o Brasil). As três estratégias típicas da construção simbólica para tornar possível esse modo de operação da ideologia é *Naturalização* (quando se estingue a criação social e histórica e os fatos são dados como naturais ou resultados inevitáveis de características naturais), a *Eternalização* (quando se esvazia fenômenos sócio-históricos de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes – o vandalismo foi dado pela imprensa, de uma maneira geral, como recorrente; aliás era sempre esse o foco das coberturas) e *Passivização* (quando os verbos são colocados na voz passiva, concentrando a atenção do ouvinte em certos fatos em prejuízos de outros).

Assim Thompson finaliza seu esboço sobre a forma como a engenharia ideológica encontra a maneira de se operacionalizar e como as formas simbólicas são manifestadas em momentos sócio-históricos específicos, como elas são usadas e compartilhadas entre as pessoas que as produzem e as recebem em seu dia-a-dia.

## Considerações finais

A concepção tradicional da história omitia as relações reais e se limitava aos grandes e retumbantes acontecimentos históricos e políticos. Dessa forma, Marx e Engels (2004) vêm mostrar que a ideia de que a verdadeira sede da história é a sociedade civil. Esta compreende o sistema de relações sociais que organiza a produção econômica (agricultura, indústria e comércio), realizando-se através de instituições sociais encarregadas de reproduzi-la (família, igreja, escolas, polícia, partidos políticos, meios de comunicação etc.). É a sociedade civil que explica a formação das ideias segundo a prática material: a cada estágio é dado um resultado material, uma soma de forças produtivas, de capitais e de relações sociais, criados historicamente e transmitidos a cada geração que os modificam e lhe imprimem um desenvolvimento.

Assim, Marx e Engels cunham alguns conceitos importantes para se entender a ideologia (dominação de classe, divisão do trabalho e alienação). Esta por sua vez, foi reapropriada por Thompson (1995, p. 78) que expandiu, ao estudar ideologia, o interesse pelo sentido que mantém relações de dominação de classe, afirmando que se deve também interessar-se por outros tipos de dominação, "tais como as relações sociais estruturadas entre homens e mulheres, entre um grupo étnico e outro, ou entre estados-nação hegemônicos e outros estados-nação localizados à margem do sistema global".

Assim Thompson oferece um modelo para analisar os modos de operação dessa ideologia, abordada pelo autor em um sentido crítico. Levando em consideração esse modelo, pode-se avaliar a cobertura jornalística, através do discurso de um apresentador de TV, durante as manifestações populares ocorridas no Brasil, em junho de 2013.

Vale esclarecer que, quando o termo "cobertura jornalística" é dado neste artigo para avaliar apenas um programa, é levado em consideração a lógica do método de adequação ao padrão (ponderado em Estudos de Casos), estudado por Thochim (1989), em que se compara um padrão cunhado empiricamente com outros de base prognóstica ou com várias previsões alternativas. Se os padrões coincidem, os resultados podem ajudar o estudo de caso a reforçar sua validade interna. Portanto, em se tratando agora não só do Brasil Urgente, mas de parte considerável da cobertura jornalística feita à época das manifestações, observa-se que inicialmente a mídia quis deslegitimar os protestos os designando como violentos (SBT Brasil, de 22 de junho de 2013), que

entraram em confronto com a tropa de choque (Bom dia Brasil), como ação criminosa (Arnaldo Jabor, no Jornal da Globo), como manifestações que não tinham nada de democráticas (Boris Casoy, no Jornal da Noite) etc[7].

Vale ressaltar por fim que, os fatos a serem noticiados não são somente selecionados, mas ativamente construídos. Como na voz do apresentador Datena que pretendeu construir, sob a falsa legitimação popular, uma manifestação de vândalos, de quebra-quebra, de pau a pau, ao selecionar palavras violentas, para cunhar, na manifestação, protestos violentos. Dessa forma, a concepção marxista de ideologia, revista pelo modelo de Thompson, constitui um instrumento analítico bastante esclarecedor das estratégias de naturalização da ordem institucional estabelecida e de tentativa de ocultação das vozes dos movimentos sociais e da periferia da estrutura de poder, cujas demandas são sistematicamente excluídas da representação simbólica da realidade feita pelos veículos de comunicação da grande mídia convencional.

## Referências:

DANTAS, Damião. Enquete faz Datena mudar de ideia sobre protestos de São Paulo. In: **Voz do Povo**. Disponível em: <http://livrevozdopovo.blogspot.com.br/2013/06/enquete-faz-datena-mudar-de-ideia-sobre.html>. Acesso: 10 jul 2013.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

THOCHIM, W. **Outcome pattern matchig and program theory**. Evaluation and Program Planning, 1989.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

WEBER, Max. **Economy and Society: An outline of interpretive sociology**. Ed. Guenther Roth e Claus Wittich. Berkeley: University of California Press, cap. 3, 1978.

YOU TUBE. **O Brasil acordou - povo mostra a cara e Datena passa vergo**. Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=Dj8hq6-5zPI>. Acesso: 10 jul 2013.

YOU TUBE. Como a mídia muda de opinião sobre os protestos no Brasil. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uoBsHs8WVyU>. Acesso: 30 jul 2013.

[7] Link que resume os discursos jornalísticos feitos nos momentos depois das manifestações do dia 21 de junho: http://www.youtube.com/watch?v=uoBsHs8WVyU.